JORNAL

Centro de Estudos LUIS GUEDES

Departamento de
Psiquiatria e Medicina
Legal da Universidade
Federal do Rio Grande
do Sul, Hospital de
Clínicas de Porto Alegre
Agosto de 2021
Ano 32 • N° 88



HOMENAGENS

ADEUS A MARLENE ARAÚJO E LUIZ CARLOS MABILDE PÁGS. 4 E 5

SÉRIE

O GAMBITO DA RAINHA E O XADREZ PSICANALÍTICO PÁGS. 12 E 13

FILME

ESTOU PENSANDO EM ACABAR COM TUDO PÁGS. 14 E 15



SUMÁRIO

2 : GESTÃO 2019/2021

4 : HOMENAGENS

6 : ANÁLISE

8 : DIÁLOGOS URGENTES

10 : JORNADA CELG 2021

12 SÉRIE

14 FILME

16 : DEPOIMENTO

EXPEDIENTE

JORNAL DO CENTRO DE ESTUDOS LUIS GUEDES Cursos de Extensão e Especialização em Psiquiatria e Psicoterapia Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Rua Ramiro Barcelos, 2350 – 2º andar - Sala 2218. CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS. Telefones: 3330.5655 / 3359.8416 / 3388.8165. Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA

Presidente

Félix Henrique Paim Kessler

Diretor Financeiro

Marco Antônio Knob Caldieraro

Diretora Administrativa

Simone Hauck

Diretor Científico

Thiago Pianca

Diretor de Divulgação e

Relações com a Comunidade

Alexandre Kieslich

Diretor de Publicações

Mario Tregnago Barcellos

Diretor de Ensino

lves Passos Cavalcante

Diretor de Normas e Regulamentos

Fábio Montano Wilhelms

Diretor de Tecnologias

Daniel Spritzer

ADMINISTRAÇÃO

Supervisora Administrativa: Patricia Lopes Azambuja (plazambuja@hcpa.edu.br) Bibliotecária e Secretária da Revista: Maria Luiza Farias de Campos (mcampos@hcpa.edu.br | rbpsicoterapia@gmail.com) Assistente Administrativa (Cursos): Mylena Abreu Gonçalves (mygoncalves@hcpa.edu.br).

JORNAL - jornal@celg.org.br

Editores do Jornal: Candice Pasqualin de Campos (Editora). Júlia Domingues Goi, Marcelo Garcia Vaz e Rodrigo Chazan (Equipe Editorial) Revisão: Gustavo Czekster

Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198) Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria (www.designdemaria.com.br)

PALAVRA DA **DIRETORIA**

PRESIDENTE

Nesse momento de despedida, gostaria apenas de agradecer imensamente a todos que colaboraram de forma direta ou indireta nesta gestão, incluindo os sócios, cursistas, editores e, em especial, toda a Diretoria, para a qual agora passo a palavra, a fim de que possam resumir o seu excelente trabalho ao longo desses dois anos profícuos e prazerosos. Trouxemos novidades como o evento CELG Inovação, coordenado pelo Marco Caldieraro, Vitor Breda e Ives Passos Cavalcante, e muitas outras, relatadas abaixo. Foi muito bom aprender e trabalhar com todos vocês!

ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Buscamos manter o atendimento dos associados, dos alunos, dos professores dos nossos cursos e da comunidade, assim como trabalhamos para garantir a saúde financeira do CELG durante os desafios da pandemia. Inovamos para atender as demandas tanto internas quanto das diversas iniciativas que foram disponibilizadas para a comunidade pelas diferentes diretorias. Agradecemos a nossa supervisora administrativa Patrícia Azambuja, a bibliotecária Maria Luiza e a assistente de curso Mylena Abreu, que tornaram possível tudo o que foi realizado por essa gestão em um momento tão delicado e desafiador, pois representam a alma do CELG!

CIENTÍFICO

Tivemos como foco principal a organização da Jornada do CELG, a qual teve que enfrentar muitas adaptações, pois era presencial e precisou migrar para o virtual, além de passar do ano 2020 para 2021. Buscamos patrocínios e organizamos um programa científico abrangente e de alta qualidade, que inclusive passou a contar com um maior número de conferências internacionais.

SÓCIOS

Aumentamos a comunicação com os sócios, assim como engajamos novos psiquiatras, psicólogos, psicoterapeutas e residentes de psiquiatria a se associarem ao CELG. Realizamos 10 eventos tipo *live* em plataformas digitais como Instagram e Zoom com temas escolhidos pelos sócios. Colaboramos com o novo site, assim como com a divulgação dos sócios-destaque. Participamos da criação de um prêmio em parceria com o PPG da Psiquiatria da UFRGS, que objetivou valorizar as teses e dissertações do PPG.

DIVULGAÇÃO

Mantivemos a identidade do CELG, ampliando a rede de contato com a comunidade e fortalecendo aquela que já existia. Atualizamos o layout do CELG no **Facebook** e no **Instagram**, além de reativarmos o acesso aos conteúdos científicos no **Canal do Youtube**. Incrementamos em quase 130% o número de publicações nas redes sociais, o que gerou um engajamento de cerca de 410% entre os que acompanham o perfil do CELG no universo digital. Elaboramos o **CELG News**, um e-mail direcionado exclusivamente para os sócios, contendo as principais atualizações da semana envolvendo o CELG.

PUBLICAÇÕES

O Jornal do CELG, sob o comando da Dra. Candice Campos e com a colaboração de inúmeros associados, manteve o padrão de qualidade e a elegância editorial que lhe são habituais. No comando da Revista Brasileira de

Psicoterapia, a Dra. Priscilla Braga Laskoski deu lugar a um trio de pesquisadores: os Drs. Felipe Ornell, Jaqueline Schuch e Joana Narvaez. Buscamos consolidar a tradicional publicação científica do CELG como um espaço de excelência para todas as vertentes de conhecimento ligadas à saúde mental. Criamos um edital convocando autores a submeterem artigos para uma edição especial que abordará a intersecção entre psiquiatria, psicologia e a pandemia de COVID-19.

ENSINO

Investimos no aperfeiçoamento e na disseminação dos cursos do CELG. Adaptamo-nos ao novo contexto de expansão do universo digital e auxiliamos na implementação e na utilização de plataformas digitais. Esse passo não só permitiu a manutenção dos cursos, mas também possibilitou a sua expansão para que interessados de outras cidades e estados pudessem se matricular tanto nos cursos regulares como nos cursos oferecidos pelo edital de sócio professor, incrementando o aporte de recursos para a nossa Associação. Conseguimos manter e ampliar o número de alunos de todos cursos (CEPOA, EXT, TCC e CAPIA).

NORMAS E REGULAMENTOS

Procuramos adequar o estatuto social às vicissitudes enfrentadas pelo CELG. De maneira sistemática, opinamos sobre as interpretações das normas estatutárias, propondo as alterações pertinentes no sentido de auxiliar o CELG a continuar estimulando e promovendo educação continuada e pesquisa no campo da psiquiatria e áreas afins.

TECNOLOGIA

Trabalhamos para promover avanços, inovando e acompanhando as tendências na área. Auxiliamos na realização de cursos online variados, webinars e diversas atividades para associados e comunidade. Criamos o CelgCast, o *podcast* de saúde mental do CELG, que trouxe participantes de renome no cenário nacional e internacional. Até o momento, realizamos 26 episódios, com 35 entrevistados e mais de 16.000 reproduções.

ASSISTÊNCIA CLÍNICA

Ampliamos o Centro de Atendimento do CELG com a inclusão de psiquiatria clínica e o atendimento online (CELG PsiOnline). Além disso, participamos como um dos centros colaboradores do Projeto Atendimento Solidário e iniciamos uma participação em pesquisas científicas no CELG.

CULTURA E COMUNIDADE

Buscamos valorizar o conhecimento e a expertise de nossos sócios oportunizando interlocução com a comunidade e a cultura, além de viabilizar o intercâmbio de informações embasadas na ciência para a reflexão sobre aspectos da realidade que impactam a saúde mental. "As séries invadem o setting – cultura e psicodinâmica" e "O Coringa à luz das ciências comportamentais e forenses: cartas na mesa" foram realizações em parceria com a SPPA e com o Ministério Público RS, respectivamente. Também trabalhamos com doze instituições parceiras para realizar a Pré-Jornada CELG Solidária, evento online sobre a pandemia e saúde mental, cujo resultado financeiro foi revertido para o CAPS HCPA e AGAFAPE.

NOVA GESTÃO

Gostaríamos de dar as boas vindas à nova Diretoria que foi eleita em 13 de julho, em nome da nova Presidente do CELG - Neusa Sica da Rocha. Desejamos muito sucesso a todos, e contem com o nosso apoio!

Diretoria Gestão 2019/21

NOVA DIRETORIA GESTÃO 2021/2023

Presidente

Neusa Sica da Rocha

Diretora Financeira

Juliana Mastella Sartori

Diretor Administrativo

Félix Henrique Paim Kessler

Diretores Científicos Lucas Primo de Carvalho Alves Adjunta: Paola Paganella

Diretor de Divulgação

Laporte

Natan Gosmann

Diretora de Publicações

Ana Margareth Siqueira Bassols

Diretores de Ensino

Felipe Gutiérrez Carvalho Adjunto: Igor Dias de Oliveira Alcântara

Diretoras de Normas e Regulamentos

Lisieux Elaine de Borba Telles Adjunta: Vivian Peres Day

Diretores de Tecnologias

Alexandre Annes Henriques Adjunto: Marcos da Silveira Cima

Diretores de Sócios

Allan Maia Andrade de Souza Adjunta: Paula Blaya Rocha

Diretores de Relações com a Comunidade

Gustavo Bolognesi

Diretores de Assistência Clínica

Diego Barreto Rebouças Adjunto: Lucas Mohr Patusco

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares

Claudio Laks Eizirik Luis Augusto Rohde Marcelo Pio de Almeida Fleck

Suplentes

Lisia Von Diemen Lúcia Helena Freitas Stefania Pigatto Teche

HOMENAGEM A MARLENE ARAÚJO

A DINDA

Talvez soe estranho para você ler esse título. Afinal, não venho aqui falar da Marlene que você certamente sabe a grande psicanalista que foi. Eu venho falar da mulher que tive a sorte de ter como a minha dinda. Oscilei. Será que conseguiria? Lembrei-me, então, do que ela diria: "Faz Li (assim me chamava), que "malaviloso" (entenda-se maravilhoso) convite. Quero ler depois."

Falar da dinda é fácil. Era aquela que reunia todos, a legítima dona da festa. Era impossível não se contagiar pela gargalhada, pela música, pela dança que sua casa oferecia a quem quisesse entrar. Um bom frevo, é claro, que ela cantava convencida de ser a própria Elba Ramalho. A dinda era aquela pessoa que tinha várias dentro dela. A mulher pioneira que veio do Nordeste em busca da Psicanálise no Sul, foi também pioneira na família. Recebeu cada irmão que chegou na casa gaúcha, construída ao lado do indescritível Tio Jairo, o grande homem que a acompanhou durante toda a vida (e também responsável pela organização por trás das cantorias e encontros que há pouco descrevi). Porque, sim, ela era a dona da festa, mas, se alguém perguntasse a ela sobre copos, ouviria "minha função é o entretenimento" (segui-



da da boa gargalhada que você, assim como eu, deve estar ouvindo agora).

Foi também a mulher mãe e a mulher avó. E que gigante foi. E que avó deixou construída dentro dos gurizinhos que chegaram em nossa família. Que mundo ajudou todos nós a construirmos, seja como analista, professora, supervisora, amiga, esposa, irmã, mãe, avó, dinda. A verdade é que me enganei. Dessa vez não foi fácil falar nela. Torno um pouco meus, alguns conhecidos versos na tentativa de finalizar. Sempre se despedia me dizendo "beijos mil, malavilosa". Dinda, te mando milhões de beijos, que é pra matar meu desejo, já faz tempo que eu não te vejo. Ai que saudade d'ocê"...



CAROLINA SILVEIRA CAMPOS

Psicóloga, Especialista e Psicoterapia de Orientação Analítica pelo CELG, Membro aspirante em Seminário SPPA

QUERIDA MARLENE

Esta carta, infelizmente, nunca vai ser lida por ti. Nesses tempos tristes, de luto, dor e incertezas, fica aqui uma breve retrospectiva do nosso contato. Final dos anos 70: eu médica, na Especialização em Psiquiatria na Divisão Melanie Klein, interessei-me pela Psiquiatria Infantil. Atendia crianças na Unidade Infantil, supervisionada pela Dra. Maria Lucrécia, egressa do Fellow em Nova York. Anos 80: não havia residência/especialização em Psiquiatria Infantil aqui. Aos interessados restava atender pacientes, supervisionar casos, assistir conferências com profissionais locais. Em Porto Alegre a Psicanálise florescia desde suas raízes do Prata. Tive a oportunidade de supervisionar os primeiros casos de psicoterapia psicanalítica com as pioneiras: Nara Caron, Ruth Maltz e tu, Marlene. Obrigada! Marlene, nosso contato próximo foi inspirador. Tua presença forte, inteligente, generosa e vivaz teve grande impacto em minha formação. Tua tenacidade e força para implantar a Formação de Psicanálise da Infância e Adolescência na SPPA foram imprescindíveis, deixando um grande legado e o desejo de seguir teus passos. A percepção da importância da Psicanálise alcançar a comunidade escolar gerou um belo e duradouro trabalho em parceria com teu amado Jairo e colegas. Através do convênio da SPPA com a Prefeitura de Porto Alegre, contribuíste para a compreensão da lógica da desesperança vigente nas comunidades vulneráveis, dando visibilidade à potência de vida que se gera no trabalho com profissionais da Educação Infantil, a quem acolhias com afeto e sabedoria. Sempre estiveste atenta à prevenção de saúde mental na infância, e

a tua parceria com a Dra Paulina Kernberg e com a amiga e colega Maria Helena Ferreira originou o Projeto "Brincar e crescer" desenvolvido no HCPA.

Hoje, já com 40 anos de profissão, no contato com jovens residentes de Psiguiatria da Infância e da Adolescência, procuro transmitir meus conhecimentos de acordo com o aprendizado que tive contigo, mostrando paixão, inspiração, humildade e coragem para enfrentar a tarefa. Entre as lições que transmito a eles, estão o trabalho com o inconsciente da criança e a formação de seu mundo interno através das primitivas relações de objeto com a mãe e sua influência na mente do adulto; a liberdade para brincar e estar atenta à escuta da comunicação do paciente; a linquagem direta, acolhedora e simples com os pais e professores. Lembrarei para sempre dos primeiros casos de supervisão contigo, uma iniciante encantada com o teu grande conhecimento e experiência... a clareza com que compreendias os conflitos dos pacientes e do seu contexto familiar parecia mágica! Obrigada, querida mestre, todos nós colhemos os frutos do teu trabalho e dedicação, agora só nos cabe continuar a jornada.

Com carinho da Ana Margareth



ANA MARGARETH BASSOLS

Médica Psiquiatra, Mestre e Doutora (UFRGS), Psiquiatra da Infância e Adolescência (ABP), Psicanalista (SPPA), Professora Associada (Famed/UFRGS), ex-presidente do CELG

HOMENAGEM A LUIZ CARLOS MABILDE

Em janeiro perdemos o Mabilde. Figura de elevada importância no cenário da Psiquiatria e da Psicanálise, foi presidente da APRS, editor da então Revista de Psiquiatria do RS, psicanalista didata da SPPA, professor e supervisor do CEPOA/Celg, homenageado pela ABP e pela IPA. Um querido colega e professor, analista de muitos de nós, supervisor de outros tantos.

Em uma tentativa de formar uma imagem de quem era o verdadeiro Mabilde, convidamos colegas de diferentes gerações para darem seus depoimentos.

"É possível ser afetivo, gentil, flexível e, ao mesmo tempo, manter uma atitude psicanalítica estrita, profundamente identificado com a sua teoria e técnica? Sim, este era o Mabilde. Inteligente, usava o humor e evidenciava grande capacidade intuitiva, profundo comprometimento com a tarefa, consistência, firmeza, generosidade e liberdade interna para transitar pelas diversas 'salas da análise', no dizer de Antonino Ferro, assim como pelas diferentes funções, grupos e instituições de ensino e associativas para as quais tanto contribuiu. Em momentos difíceis e diante de temas que certamente lhe eram sensíveis, em vez de preservar a si próprio, ele - 'guardião do setting' - oportunizava a emergência, verbalização e elaboração das vivências e significados do paciente. Muito a agradecer pela presença viva e essencialmente humana que agora povoa o mundo interno dos muitos pacientes cujas vidas tocou."

Patrícia F Lago, psiquiatra membro da SPPA e APRS e Diretora de Relações com a Cultura e Comunidade do CELG.

"Conheci o Mabilde há mais ou menos 40 anos. Desde nossos primeiros contatos, passamos a identificar afinidades e passamos a ter um convívio próximo que durou esse tempo todo, com as oscilações próprias da vida nestes longos percursos. Nos últimos anos, ficamos novamente mais próximos. Sentávamos para conversar longamente, muitas vezes acompanhados da Cláudia. Nossos assuntos iam de questões profissionais até nossas vidas pessoais, no nível de intimidade que o longo convívio favorecia. Mabilde era inteligente, perspicaz, firme, eloquente e intenso. Conheci, com os anos, muitas de suas paixões. Quero destacar duas: a Cláudia e a psicanálise. Os anos de vida com a Cláudia foram cheios de vida e entusiasmo. Sua doença e morte prematuras trouxeram-lhe uma dor que se percebia penetrante, cruel e sem trégua, proporcionais à sua paixão. Sua ligação com a psicanálise era com outras cores, mas todas fortes e viçosas. Tinha um grande cuidado com a identidade e com o método analítico, o que deixava claro em sua constante e substancial participação na SPPA. O Mabilde está fazendo falta e pressinto que essa perdurará, assim como seu legado."

José Carlos Calich, presidente da SPPA.



"Conheci o Mabilde desde muito cedo de minha atividade como psiquiatra. Entre tantos aspectos que poderia destacar, quero mencionar seu intenso comprometimento com a construção das instituições. Mabilde era uma pessoa de instituição! Convivemos na Associação de Psiquiatria do RS, na Associação Brasileira de Psiquiatria, no Celg, Cepoa e SPPA. Lembro de seu entusiasmo nos congressos e da famosa moqueca em Vitória, recheada de muitas aventuras e risadas.

Sua participação ativa nas comissões cientificas em que fomos parceiros, com sugestões muito pensadas e bem elaboradas, iam nesta direção. Nesses anos todos foi uma presença viva nas reuniões do Cepoa, com sua disponibilidade em ministrar supervisão, tema de seu domínio e estudo e pela qual foi premiado pela Associação Psicanalítica internacional. E por fim, nossa última e longa conversa após a morte da Claudia, e os poemas tocantes e amorosos que partilhou comigo."

Neusa K. Lucion, psiquiatra (UFRGS), psicanalista (SPPA), professora e supervisora do Cepoa/CELG.

"Ao iniciar o curso de psicoterapia de orientação analítica tive a sorte e a honra de escolher o professor Mabilde como supervisor e ser aceita por ele. Bem recebida desde o início, tive a oportunidade de aprender muito e ver o caso que escolhi para discutir ir evoluindo de forma gratificante ao longo do ano de supervisão com a ajuda de seus apontamentos. Guardarei com carinho na memória as idas a seu consultório, a lembrança de vê-lo organizar sua agenda escrita à mão num pequeno pedaço de papel o qual guardava na carteira e, principalmente, as lições aprendidas com os ditados e frases inteligentes, como a moderação ensinada ao me dizer "Nem tanto ao céu, nem tanto à terra".

Malu Joyce de A. Macedo, Psiquiatra, Psiquiatra da infância e adolescência, Psicoterapeuta.

Tive o privilégio de ser seu aluno nos seminários da formação psicanalítica da SPPA de onde trago muitas lembranças afetivas. Me acompanha a lembrança de um seminário em que ele, de forma muito inteligente, pergunta aos candidatos se acreditamos que a vida é boa. Após um breve silêncio e algumas respostas tímidas ele ri e diz, "é boa, nos intervalos". Parafraseando Jorge Luis Borges ao escrever sobre D. Quixote: "Sempre penso que uma das coisas felizes que me aconteceram na vida foi ter conhecido D. Quixote." Sem dúvida, uma das coisas felizes da vida foi ter conhecido o Mabilde.



RODRIGO CHAZAN

Médico Psiquiatra (UFRGS/ HCPA), Psiquiatra da Infância e da Adolescência (HCPA), Mestre em Psiquiatria (UFRGS), Membro Aspirante em Seminário (SPPA).



COMPLICAÇÕES NEUROPSIQUIÁTRICAS NA **SÍNDROME PÓS-AGUDA DA COVID-19**

Desde o início da pandemia, o desconhecido e a incerteza têm sido constantes. O novo Coronavírus SAR-S-CoV-2, agente infeccioso que não cansa de surpreender, agora atrai a atenção de especialistas em saúde mental que se deparam com os sintomas e alterações comportamentais, cognitivos e emocionais de pacientes que foram acometidos pela COVID-19 após a sua recuperação. Apenas em tempos recentes que começamos a conhecer as frequentes e heterogêneas consequências neuropsiquiátricas tardias do adoecimento por esse vírus, atualmente reconhecida também por acometer múltiplos sistemas orgânicos com um extenso espectro de manifestações. Diante disso, os profissionais de saúde mental necessitam aprender com a melhor evidência científica disponível acerca dos quadros evolutivos neuropsiquiátricos do que tem sido denominada de "síndrome pós-aguda da COVID-19" (do inglês "post-acute COVID-19 syndrome") (NALBANDIAN et al., 2021).

Em um recente trabalho científico publicado na revista *Nature Medicine*, Nalbandian e colaboradores apresentam uma revisão abrangente da literatura atual acerca dos efeitos persistentes e prolongados após a COVID-19 aguda. Os pacientes sobreviventes de COVID-19 aguda frequentemente relatam uma síndrome pós-viral com mal estar crônico, mialgias difusas e alterações de humor, além de sono não restaurador. Sintomas neurológicos como cefaleia, perda do paladar e do olfato podem persistir desde semanas até vários meses. Queixas cognitivas incluem a chamada "brain fog", que se manifesta com dificuldades de concentração e perturbações da memória, função executiva e linguagem receptiva.

Uma grande variedade de quadros neuropsiquiátricos pode aparecer e persistir após a infecção inicial. Dois importantes estudos de Taquet *et al* merecem destaque no tocante à ocorrência de quadros psiquiátricos após a COVID-19 aguda, e irei comentá-los a seguir.

Taquet e colaboradores realizaram uma análise de conjunto de dados de larga escala, na qual avaliaram informações de 62.354 pacientes sobreviventes de CO-VID-19 nos EUA. A incidência estimada de transtornos

psiquiátricos (casos novos e recorrentes), entre 14 e 90 dias após o diagnóstico de COVID-19, foi 18,1%. A probabilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico em até 90 dias do diagnóstico de COVID-19 em indivíduos previamente hígidos foi estimada em 5,8%, sendo mais comuns a ocorrência de transtornos de ansiedade e transtornos de humor. Esses valores foram todos significativamente mais altos do que em coortes de controles pareados de pacientes com diagnóstico de outras infecções do trato respiratório (TAQUET et al., 2021a).

Em outro trabalho publicado no periódico Lancet Psychiatry no início de maio desse ano, os mesmos pesquisadores encontraram novamente uma relativa alta incidência de enfermidades neurológicas e psiquiátricas após o quadro agudo de COVID-19. A equipe de Taquet realizou um estudo de coorte retrospectiva, utilizando registros eletrônicos de múltiplas instituições de saúde no Reino Unido para investigar desfechos neurológicos e psiquiátricos até 6 meses de evolução após a COVID-19 aguda em aproximadamente 236.379 indivíduos. Em pacientes previamente hígidos, a incidência de um primeiro diagnóstico neuropsiquiátrico foi de 13%, enquanto 21% de pacientes que já apresentaram algum diagnóstico anterior de doença psiquiátrica ou neurológica desenvolveram novas condições. Os diagnósticos mais comuns foram transtorno de ansiedade (17.4%), transtorno psicótico (2.8%), acidente vascular encefálico isquêmico (2.1%), demência (0.7%) e hemorragia intracraniana (0.6%). É importante notar que os pacientes sobreviventes de COVID-10 grave (aqueles que receberam tratamento em unidade de terapia intensiva) tiveram maior chance de desenvolver condições neurológicas e psiquiátricas, em especial naqueles pacientes em que a COVID-19 evolui com encefalopatia (definida como delirium ou outros estados mentais alterados). As taxas encontradas foram comparadas com cerca de 342 mil indivíduos acometidos por infecção por vírus Influenza ou outras infecções respiratórias, encontrando-se taxas significativamente maiores em pacientes atingidos por COVID-19 (TAQUET et al., 2021b).

Ainda sabemos pouco em relação à patofisiologia



das complicações psiquiátricas pós COVID-19 aguda. Diversos fatores etiopatogênicos podem estar envolvidos, como o estresse psicossocial relacionado à doença e a neuroinflamação. Quanto ao manejo, os tratamentos tradicionais são utilizados na abordagem terapêutica de diferentes condições psiquiátricas surgidas na fase pós-aguda da COVID-19. A fim de orientar a reabilitação, a avaliação neuropsicológica pode ser considerada na avaliação de pacientes que persistirem com algum grau de prejuízo cognitivo.

No momento em que termino de escrever esse texto, realizo uma consulta ao Portal do COVID-19 (https://covid.saude.gov.br), painel elaborado para servir como veículo oficial de comunicação sobre a situação epidemiológica da COVID-19 no Brasil, atualizado diariamente pelo Ministério da Saúde. Não mencionarei aqui o descomunal e assombroso número de óbitos acumulados, cujo crescimento acompanhamos todos os dias com melancólico desalento. No entanto, gostaria de destacar que, nesse momento, há mais de 14.062.396 pacientes recuperados em nosso país, dos quais potencialmente mais de 4 milhões de indivíduos (estimativa de 30%) podem necessitar de cuidados em saúde mental, de acordo com os estudos apresentados anteriormente. Em uma rede assistencial de saúde mental já previamente deficitária, corremos o risco de encontrar por muitos anos as repercussões que você, estimado colega, pode pressagiar.

Seguramente, os profissionais de saúde mental devem possuir um lugar essencial em equipes multidisciplinares para oferecer um cuidado integrado aos pacientes recuperados da COVID-19 aguda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NALBANDIAN, Ani et al. Post-acute COVID-19 syndrome. Nature Medicine, [S. l.], v. 27, n. April, p. 601–615, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41591-021-01283-z

TAQUET, Maxime et al. Bidirectional associations between COVID-19 and psychiatric disorder: retrospective cohort studies of 62 354 COVID-19 cases in the USA. The Lancet Psychiatry, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 130–140, 2021 a. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30462-4

TAQUET, Maxime et al. 6-month neurological and psychiatric outcomes in 236 379 survivors of COVID-19: a retrospective cohort study using electronic health records. The Lancet Psychiatry, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 416–427, 2021 b. Disponível em: https://doi.org/10.1016/s2215-0366(21)00084-5

Painel Coronavírus, 2021. Disponível em: https://covid.saude. gov.br. Acesso em: 15/05/2021.



ANDRÉ LUIZ SCHUH TEIXEIRA DA ROSA

Psiquiatra da Infância e Adolescência pela UFRGS/HCPA. Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica pelo CELG. Mestrando em Psiquiatria e Ciências do Comportamento pela UFRGS/ HCPA. Sócio do CELG

DIÁLOGOS URGENT

SOBRE POLARIZAÇÃO **E CERTEZAS**

Naquela aldeia, assolada por uma praga invisível, onde se vivenciava o medo, a morte e a incerteza, um dia, um grupo de homens descobriu a Verdade. Havia muito aquele povo sofria com as perdas e a impotência frente aos caminhos erráticos e imprevisíveis causados pela praga. A chegada da Verdade foi saudada com grande alívio e, progressivamente, uma dose crescente de euforia. Alguns propuseram um questionamento da Verdade, mas foram logo repudiados. A Verdade era tão bela e generosa que não admitia contrariedades, então, todos poderiam ficar sossegados, a praga tinha seus dias contados. O problema iniciou-se quando outro grupo de pessoas também chegou à conclusão de que havia descoberto a Verdade. Obviamente esta segunda Verdade não coincidia com a primeira. O diálogo entre os dois grupos foi se tornando cada vez mais difícil, cada um defendia a sua Verdade com uma paixão tão ferrenha que alguém poderia dizer que este apaixonamento pela Verdade deveria ter a mesma força do medo que até então perturbara os habitantes daquele lugar. O desamparo havia sido experimentado de forma tão intensa que agora a Verdade teria que ser investida com todas as forças, para que não se corresse o risco de cair de volta na incerteza.

Cada vez que se propunha um diálogo entre os dois grupos, um mal-estar crescente se instalava e cada qual voltava ao seu ponto de partida, agarrado à sua Verdade, que não podia ser colocada à prova. Não havia espaço para dúvidas ou trocas de impressões, pelo contrário. Cada vez mais cada uma das Verdades tinha que se apresentar mais rígida e inquebrantável. Assim, as pessoas poderiam voltar para suas casas com a ilusão de que estariam seguras e não mais indefesas. Por fim, os grupos se afastaram, deixaram de tentar o diálogo, e a hostilidade entre as pessoas foi se tornando cada vez maior.

Uma profunda tristeza baixou sobre a aldeia e apenas nas crianças se podia entrever um pouco da alegria em compartilhar a vida, nos raros momentos em que isto era possível. Até que chegou um ponto em que



algumas pessoas concluíram que aquilo devia mudar. Parece que o movimento começou com as mulheres, que, no calor do lar e das famílias, convenceram os homens de que algo deveria ser feito.

Em uma manhã fria, a população decidiu que havia chegado o tempo de subir a montanha e consultar o ancião. Passaram a marchar morro acima, em uma barulhenta discussão, onde cada grupo defendia ainda a certeza de que a sua verdade era única e inegociável. A marcha quase foi interrompida, quando a violência ameaçou manifestar-se entre alguns mais exaltados do grupo, mas conseguiram chegar ao seu destino e expor o problema ao conselheiro.

Após ouvir atentamente as diferentes vertentes da cizânia, o velho emitiu seu parecer. "Recomendo que fiquem cegos".

As pessoas não entenderam bem aquilo, mas sabiam que não adiantava pedir esclarecimentos, era assim que o ancião procedia. Ele lançava uma reflexão, geralmente não muito clara, e deixava que as pessoas lidassem com aquilo.

A descida da montanha foi bem mais silenciosa, o vento frio fazia com que cada um se abrigasse como podia, todos estavam extenuados pela marcha, e todos pensavam: o que ele quis nos dizer com aquelas palavras? Além de toda a insegurança que estamos vivendo, de que irá nos servir ficarmos cegos?

O medo foi aumentando com a fadiga e a falta de uma resposta concreta para os problemas daquele povo, alguns tiveram receio de não conseguir concluir a viagem de volta para casa. Em um determinado momento começou a chover e todos concordaram que deveriam fazer uma pausa e uma fogueira, para se reestabelecerem.

Na beira do fogo, um dos homens olhou para outro e disse: e se a nossa Verdade não estiver totalmente certa? Ele pensou muito antes de admitir isto, achou que era sinal de fraqueza, de exaustão de falta de caráter ou de hombridade. Mas mesmo assim o fez, e isto gerou uma nova discussão, e em seguida os homens do grupo oponente também admitiram não estarem tão convictos assim da sua outra Verdade.

Mas como vamos abrir mão de nossas certezas assim? Bradaram alguns, o que vamos dizer para nossas mulheres e nossos filhos, temos que proteger a aldeia ou a peste nos mata a todos! Mas em seguida, ao olhar silencioso dos demais, aqueles também acalmaram seus ânimos, e agora tínhamos uma reaproximação dos dois grupos. E cada um passou a sentir dentro de si

que, ainda que não soubessem como derrotar a praga, uma coisa era certa: eles o fariam juntos.

Permanecer na incerteza é tarefa difícil para a natureza humana, nossos smartphones estão aí para nos garantir que estaremos ciente de tudo o que acontece no mundo. Assim podemos dormir tranquilos, ou, quem sabe, ficarmos acordados o tempo todo, atentos, de modo a não perdermos nada.

Freud dizia ser necessário obscurecer o pensamento vígil para se ter acesso aos segredos do inconsciente. Bion adotou este conceito do "facho de escuridão" e postulou que, na sessão psicanalítica, devemos permanecer "sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão". Com a leitura do poeta John Keats, Bion trouxe o conceito de "capacidade negativa" para a psicanálise, esta possibilidade de permanecer no "não saber" até que surja um novo saber.

Assim, pedimos ao paciente que "associe livremente", ou seja, livre do pensamento objetivo, e o escutamos na mesma moeda, em "atenção flutuante", acompanhando o paciente para uma criatividade conjunta. Assim também o sonho, seja diurno, seja noturno, representa um momento de liberação das amarras da racionalidade.

Winnicott, frente ao dilema, "isto é, ou não é verdade? ", criou uma terceira possibilidade. Com a teorização do espaço e do objeto transicionais, ele respondeu: "isto é, e não é verdade". Qualquer um que tenha observado uma criança brincar pode testemunhar o fenômeno

O pensamento polarizado, portanto, padece de uma rigidez que acaba por impossibilitar as trocas. O empobrecimento mental é a sua consequência imediata, seguido da intolerância ao outro, e muitas vezes acompanhado da violência.

É necessária uma certa negativação, um "trabalho do negativo", como postulado por André Green, sobre aquilo que está estabelecido, para que se possa descobrir e criar o novo, no mundo interno e no externo.



IGOR ALCÂNTARA
Psiquiatra e psicanalista.
Mestre em ciências médicas.
Professor do CEPOA

A Jornada CELG 2020-2021, pela primeira vez, aconteceu no formato on-line. Para entender como foi a jornada virtual, convidamos um organizador, uma palestrante e dois participantes para darem o seu testemunho e contar como foi essa experiência.

UMA JORNADA AO VIRTUAL

Em meados de 2019, quando assumimos a diretoria do CELG para a gestão 2019-2021, tudo se encaminhava de forma traquila. Em relação à Jornada, já tínhamos data - 03 a 05 de Setembro de 2020 - local pré-reservado o Wish Serrano em Gramado – e até alguns convidados internacionais devidamente acordados. Seria mais uma tradicional Jornada, e como usual, ansiávamos por reencontrar os amigos e colegas em Gramado para alguns animados dias de aprendizado e socialização. Sim, pois além de assistir e aprender com colegas e convidados especiais, a Jornada sempre foi sinônimo disso: o reencontro com os colegas nos intervalos, os almoços em grupo, os jantares... cada evento sempre foi repleto de "momentos-jornada" como esses, que nos reabasteciam de afeto e alegria.

Mas aí, como todos sabem, veio a pandemia de COVID-19, e tudo mudou.

Com todas as medidas de distanciamento social e a proscrição de eventos de grande porte presencialmente, nossa primeira providência foi adiar a Jornada. Em Março de 2021 estaria já tudo resolvido, não? Não. Tentem novamente. Conforme as datas se aproximavam percebíamos o quanto era improvável termos a segurança sanitária necessária para o evento como gostaríamos. Mas e se fizéssemos ele de forma mista, um pouco online e um pouco presencial? Chegamos a trabalhar com essa idéia por um bom tempo, porém ela trazia dificuldades logísticas inconciliáveis com o tamanho da nossa querida jornada...

O jeito foi tornar a jornada uma experiência completamente virtual.

Totalmente online, a primeira nesse formato - mas já havíamos realizado, em 2020, dois eventos virtuais com grande sucesso: a Pré-Jornada e o Inova CELG. Mudamos novamente a data, para Junho. E então reformulamos algumas coisas da programação, refizemos acordos com patrocinadores, e contamos com todo apoio da Tribeca (a quem devemos muitos agradecimentos, por ter estado conosco desde o princípio) em organizar a estrutura pra mudança de formato. É impressionante o quanto de trabalho ainda é necessário pra fazer um evento online do porte da Jornada. Algumas mudanças foram positivas - conseguimos conferências com convidados internacionais que normalmente não teriam disponibilidade para viajar a Gramado, e sem preocupações quanto a logística de aeroporto e hotéis

JORNADA EM **TEMPOS DE PANDEMIA**

Frequento as Jornadas de Psiquiatria Dinâmica desde 1977, quando iniciei a Residência em Psiquiatria na então Divisão Melanie Klein do Hospital P. São Pedro. Formada em Medicina pela UFRGS, desde sempre o Celg foi minha sala de estudos e minha casa, assim como parte importante da minha identidade profissional. Ali estudei, me formei, fiz pós-graduação, várias especializações e também foi ali que me tornei professora, supervisora e atualmente coordenadora do CEPOA/CELG.

Portanto, participar de forma ativa das Jornadas sempre foi algo natural, tendo sido apresentadora de temas livres e de mesas-redondas, painelista, coordenadora de cursos, membro da comissão organizadora, etc...

Assim, ao ser convidada para participar como Debatedora em uma sessão especial de Caso Clínico de Psicoterapia Analítica, junto com mais dois queridos colegas, Igor Alcantara (Debatedor também) e Marcelo Vaz (apresentador do Caso), nem pestanejei e aceitei.

Contudo, essa era uma Jornada especial: em tempos de Pandemia mundial, seria totalmente On-line. Tudo muito estranho, sem os encontros no hotel, no café da manhã, nos restaurantes e nas rodas de samba, sem conviver com os amigos, colegas e familiares. Não iríamos compartilhar viagens e nem aquele con-

vívio tão próximo, trocando ideias e afetos, como uma família que cresce e aproveita estes momentos para se reencontrar e, assim, por em dia as novidades. Nada disso poderia acontecer por causa da necessidade de proteger a nossa saúde física e mental desse vírus intruso.

Então, apesar dos temores e de uma certa descrença inicial sobre a possibilidade de uma empreitada deste porte on-line, minha adesão foi total. Depois de vários testes e de pedidos de ajuda atendidos prontamente pela equipe organizadora, minha participação ocorreu de uma forma que considerei muito gratificante. E, claro, ter a parceria do Igor e do Marcelo facilitou muito, e mais

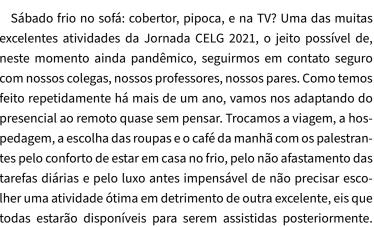
DE CONTRASTES nessa situação, o que certamente

Fizemos todo o possível para terexcelentes atividades da Jornada CELG 2021, o jeito possível de, mos o maior aproveitamento posneste momento ainda pandêmico, seguirmos em contato seguro sível da nossa querida Jornada. E com nossos colegas, nossos professores, nossos pares. Como temos em termos de conteúdo, acho que feito repetidamente há mais de um ano, vamos nos adaptando do tivemos uma boa performance. Torço presencial ao remoto quase sem pensar. Trocamos a viagem, a hospara que a próxima Jornada possa pedagem, a escolha das roupas e o café da manhã com os palestranvoltar a seu modelo anterior, protes pelo conforto de estar em casa no frio, pelo não afastamento das porcionando além da programação tarefas diárias e pelo luxo antes impensável de não precisar escocientífica de qualidade, a oportunidalher uma atividade ótima em detrimento de outra excelente, eis que de de compartilhar presencialmente todas estarão disponíveis para serem assistidas posteriormente. com os colegas boas vivências e mui-Sentamos para assistir, empolgados, saudosos.

UMA JORNADA

A tela e o chat aproximam, acalmam um pouco da saudade - e também a aumentam. Conhecemos boa parte das pessoas, apreciamos estudar as novidades que nos trazem. O nível científico excepcional e a sensação de estar em casa, marcas das Jornadas através dos anos, são bem evocados e reproduzidos nesse setting modificado. O que fica faltando, à espera do momento em que o mundo encontre novas formas seguras, é o irreprodutível encontro físico, os corredores, os intervalos, os abraços. Conhecer ou encontrar as famílias, ver como as crianças cresceram e como os colegas mudaram - ou se são os mesmos. Partilhar de um jantar e de uma pista de dança com nossos amigos, nossos mentores, nossa tribo; estas faltas não têm compensação ou reprodutibilidade em plataforma digital, e ficamos digerindo o luto das ausências em meio a tanto presente à distância.

As pessoas postam sobre a Jornada nos stories; tiramos fotos do sofá com a TV ao fundo e enviamos para a professora querida que nos presenteou novamente com reflexões preciosas. Uma amiga nos envia uma foto de anos atrás: outra Jornada, todos bem juntinhos, abraçados, sorridentes. Estamos longe, estamos juntos. Estamos enlutados, estamos felizes. Resistimos, estudamos, aguardamos.





foi positivo.

to afeto.

THIAGO GATTI PIANCA

gestão 2019-2021.

Médico contratado do Serviço de

Psiguiatria da Infância e Adolescência do HCPA. Diretor científico do CELG

contente fiquei quando o Marcelo,

logo após a atividade, agradeceu

pela colaboração que pude dar à

sua compreensão do material clíni-

co. Espero que todos tenham apro-

veitado como eu, e parabéns à Dire-

toria do CELG pela coragem e pela ousadia de ter organizado a XXX Jor-

JUSSARAS. DAL ZOT

Psiguiatra, UFRGS, Psicanalista SPPA, Coordenadora Executiva do CEPOA/ CELG. Professora e supervisora do Curso de Psicoterapia Analítica do Celg.



ANA PAULA BASSI Médica psiquiatra e psicoterapeuta



CAETANO OLIVEIRA Médico psiquiatra e psicoterapeuta

"O GAMBITO DA RAINHA" **E O XADREZ PSICANALÍTICO**

Imagine uma atividade na qual duas pessoas estão em uma sala silenciosa, sem contato físico, realizando algo dentro de um tempo definido e com uma série de regras pré-estabelecidas. Poderia ser uma sessão de psicoterapia? Sim, mas estou falando do jogo de xadrez. É um jogo no qual não existe sorte e que envolve raciocínio lógico, tática, estratégia, e por vezes - talvez alguns estudiosos do xadrez aqui me sacrifiquem - intuição. Tendo em vista a complexidade do jogo e a infindável possibilidade de jogadas, costuma-se dizer que o número de combinações possíveis de movimentos no xadrez é superior ao número de estrelas no universo. Freud, em 1913, inicia um de seus artigos sobre a técnica psicanalítica, intitulado "Sobre o início do tratamento", fazendo uma comparação entre a psicanálise e o jogo de xadrez. Para Freud, no jogo de xadrez apenas os inícios e os términos das partidas permitiriam uma descrição sistemática exaustiva dessas fases do jogo, ao contrário do que ocorre na fase intermediária, quando há uma variedade infinita de jogadas que impediria qualquer descrição dessa natureza. Comenta ainda que essa lacuna do conhecimento só poderia ser preenchida após um estudo minucioso dos jogos travados pelos grandes mestres do xadrez e que as regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico achavam-se sujeitas às mesmas limitações.

A minissérie "O Gambito da Rainha", dirigida por Scott Frank e Allan Scott, foi lançada na plataforma Netflix em outubro de 2020 e baseia-se em um livro homônimo de 1983 escrito por Walter Tevis. A surpreendente e instigante história, ambientada durante a guerra fria nos anos de 1950 e 1960, retrata a trajetória de uma menina órfã e sua passagem dolorosa da infância para a vida adulta, tendo o universo do xadrez como pano de fundo. A cena inicial do primeiro episódio do Gambito da Rainha retrata Beth Harmon, já como uma enxadrista profissional e respeitada, sendo acordada por batidas fortes na porta do quarto de um hotel, deixando claro para o telespectador que ela está claramente de ressaca e atrasada para um compromisso muito importante, o jogo contra o atual campeão mundial de xadrez. Ao sentar-se em frente ao tabulei-

ro, após uma troca de olhares com o adversário, há um flashback que mostra a história que a trouxe até àquele momento. Vemos então um terrível acidente de carro com uma mulher morta e uma criança, Beth Harmon, que sobreviveu ao acidente. Próximo ao local do acidente, um policial descreve o milagre do estado de saúde da criança que sobreviveu "sem nenhum arranhão", enquanto que o outro policial responde de uma forma profética: "Duvido que ela veja dessa forma". A cena seguinte mostra Beth Harmon indo morar em um orfanato para crianças. No porão do orfanato ela conhece o Sr. Shaibel, interpretado por Bill Camp, que a introduz no mundo do xadrez e que exerce a função de uma figura paterna, ainda que débil, para a protagonista. Durante a noite, e em várias de suas partidas, em uma espécie de devaneio, Beth materializa os movimentos das peças em um tabuleiro imaginário que ela projeta com a ajuda das sombras no teto do seu quarto. Durante os sete episódios na minissérie, a trama acompanha a trajetória das múltiplas transformações da protagonista após a morte da mãe.

Mikhai Tal, ex-campeão mundial, conhecido também como o Mago de Riga, foi um excepcional enxadrista da Letônia, na época da União Soviética, e tornou-se conhecido como um dos jogadores mais intuitivos da história do xadrez. Há um relato anedótico no qual Tal estava em uma posição muito complicada durante uma partida e não sabia se deveria ou não sacrificar um de seus cavalos. Depois de um longo período pensando em infinitas combinações e com a mente em completo caos, Tal comentou que, sem nenhum motivo aparente, veio-lhe à memória uma antiga canção russa que dizia como era difícil tirar um hipopótamo do pântano. Assim, em vez de se concentrar na próxima jogada, Tal ficou completamente absorto tentando imaginar quais seriam as maneiras de tirar um hipopótamo do pântano. Pensava em guindastes, roldanas, helicópteros e até cordas. Embora a plateia e o adversário estivessem esperando a sua jogada por longos 40 minutos, achando que ele estava analisando a situação e calculando os próximos lances, Tal estava, na realidade, tentando descobrir como arrastar um hipopótamo para fora do pântano. Depois de pensar em várias alternativas, Tal



não encontrou nenhum método viável de tirar o hipopótamo do pântano e então pensou amargamente: "Bem, que se afogue!". E nesse momento, percebendo que não poderia calcular todas as jogadas possíveis e que deveria fazer um lance intuitivo, decidiu "afogar", ou seja, sacrificar o seu cavalo, conseguindo uma combinação bem sucedida que o levou à vitória da partida.

Beth Harmon com a materialização das peças em uma tela imaginária, assim como Mikhail Tal no episódio do hipopótamo no pântano, apresentava um funcionamento psicológico que podemos associar a determinados estados mentais que estão presentes na clínica psicanalítica. Uma das recomendações de Freud a respeito da escuta analítica é a regra da atenção flutuante, em contrapartida à associação livre do paciente. Segundo essa regra, a escuta do analista deve ser o mais livre possível de críticas ou julgamentos. Esse tipo de escuta instala na mente do analista um funcionamento mais próximo de um estado onírico em vigília. Bion, psicanalista inglês, de certa forma ampliando o conceito de atenção livre flutuante, postula que o analista deve ter um estado mental "sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão". Ou seja, o analista deve evitar ao máximo que sua mente esteja saturada pela memória, pelos seus desejos pessoais ou por uma necessidade de compreender de imediato e na sua totalidade o que está se passando durante a sessão. Segundo Bion, uma das condições necessárias para o terapeuta é a capacidade negativa, ou seja, ser capaz de conter dentro de si a emergência de sentimentos

negativos e a tolerância às incertezas suscitadas pela situação analítica. Dentro desta perspectiva, a sessão analítica deveria ser vivenciada de uma forma semelhante ao sonho, com o analista deixando livre a sua imaginação, como se estivesse sonhando acordado. Para Bion, esse tipo de estado mental, mais próximo de um estado onírico, possibilitaria o surgimento na mente do analista de uma das principais ferramentas para se acessar a realidade psíquica: a intuição.

Não é necessário jogar ou entender as regras do xadrez para compreender "O Gambito da Rainha", ainda que quem tenha mais familiaridade com o jogo poderá apreciar ainda mais as cenas nas quais as partidas são retratadas. Porém, é preciso, sim, disponibilidade e interesse para acompanhar a trajetória da protagonista, uma criança com talento excepcional para o xadrez, que batalha ao longo de sua vida contra os seus adversários internos e externos. Espero que tenha conseguido despertar no leitor a curiosidade para assistir a essa excelente minissérie, ou, quem sabe até, o interesse em se aventurar no jogo de xadrez. Termino esse trabalho com um das frases mais frequentes ditas pela protagonista Beth Harmon: "Vamos jogar um pouco?".



ESTOU PENSANDO EM ACABAR COM TUDO

"QUANTAS VERSÕES ASSASSINAMOS PARA PACIFICAR A NOSSA ALMA? VERSÕES DE NÓS... DO OUTRO... DAS HISTÓRIAS... DOS SONHOS... QUAL O CUSTO DA CALMARIA? DE ACABAR COM TUDO QUE PERTURBA? MAS, TAMBÉM, QUAL O CUSTO DO EMBATE? DE ACABAR COM TUDO QUE APRISIONA?"

Confusão – esta talvez seja a sensação mais imediata que temos após assistir ao belo filme de Charlie Kauffman "Estou pensando em acabar com tudo". A mesma confusão de quando nos deparamos com algo que não segue nossas cadeias lógicas conscientes, como um sonho ou uma sessão de terapia. A reação comum de tentarmos logo organizar e explicar só restringe e confunde ainda mais. Mais do que explicar, o diretor preocupa-se em provocar sensações e interpretações de acordo com as lentes de cada um. Em suas palavras: "Estou mais interessado no embate do que na resolução".

Antes do filme, aparece a imagem do rosto de um homem em alternância com um prato de sopa, uma criança morta e uma mulher sensual. Trata-se do experimento do cineasta Lev Kuleshov, que buscava mostrar o efeito da montagem cênica. A sequência de imagens cria um terceiro elemento: a interpretação do espectador. Esta, será particular. A apresentação do "Efeito Kuleschov" nos adverte sobre o que virá. O diretor brinca com nossa interpretação. Há uma série de sequências que nos fazem inferir fatos que, com o tempo, não se conectam. E nossa mente fica buscando as conexões, não fica? Kauffman sabe, e parece querer tratar justamente disso. Procuramos a história coesa, linear, e essa é uma forma de acabar com muitas possiblidades.

O filme começa com a mente de Lucy transitando na ideia de acabar com tudo. A trama parece simples: Lucy vai conhecer os pais do novo namorado, Jake, mas não sabe se quer levar isso adiante. Ela é muito colorida... tem cores quentes... e espera por Jake, encantada com a neve. Porém, interpõe-se a cena de um homem olhando pela janela e ouvimos frases misteriosas. A cena é montada de tal forma que Lucy parece estar em frente ao prédio deste homem, e que ambos se olham através da janela. No entanto, há elementos estranhos: a janela não é a mesma por dentro e por fora. Além disso, na primeira tomada de cena, o homem é velho. Na segun-

da, é jovem. Nesse momento, o diretor entrega algumas cartas do jogo. Como em um sonho, parâmetros de tempo e espaço são rompidos. Os personagens podem ser fruto de deslocamentos e condensações diversos. Tudo é aberto. O homem na janela fala sobre uma pergunta, mas nunca sabemos qual é. Nós fazemos as perguntas e construímos as respostas. O filme oferece estímulos e deixa lacunas, seguindo a máxima de Blanchot: "A resposta é a desgraça de pergunta".

O interessante é que, mesmo abrindo mão da linearidade, da visão absoluta, precisamos de alguma versão das coisas, uma certa organização. Seja de um filme, de um paciente ou de um sonho, criamos uma narrativa para poder pensar. Talvez o desafio seja encontrar um caminho sem acabar com as demais possibilidades apenas por ser perturbador ficar com questões em aberto.

Trazemos aqui uma possível versão, aquela que nos foi mais proveitosa, em que vemos dois personagens em constante diálogo, duas trajetórias oníricas que se encontram e desencontram. Ambos estão entre o embate que é estar vivo e a inércia de se deixar levar por aquilo que já está em curso.

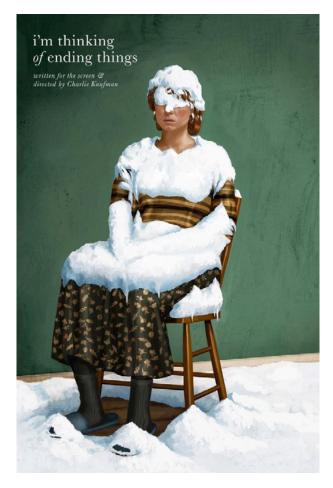
Jake revisita sua vida na companhia do colorido sorriso de Lucy. A vida dura na fazenda, o desamparo do pai - que faz com que se sinta como o porco esquecido com a barriga cheia de vermes -, o bullying na escola, a doçura fria da mãe e dos sorvetes Tulsy Town. Tem esperança de que Lucy aqueça sua vida. Porém, ela vai perdendo o próprio colorido e termina vestida de azul e preto. Para ele, Lucy sequer é bem Lucy. Às vezes é Luisa, Ames... Uma mulher ideal que daria sentido à sua vida. Ele também seria ideal, genial. Ambos dançariam com leveza, como os bailarinos na bela cena pelos corredores da escola. No entanto, Jake não tolera um encontro real. A porta do porão não deve ser aberta, pois revela a desidealização dela e dele. No porão encontra-se a lava-roupas cheia de uniformes do zelador, que só segue

adiante. Lucy não pinta quadros, não escreve poesias, não estuda física quântica.

Afinal, quem é Lucy? Não sabemos nada sobre ela, apenas as projeções de Jake. Do ponto de vista do sonho de Jake, dá para imaginar que ela sequer existe. Ou talvez tenha existido como alguém que ele jamais conseguiu chegar perto. Porém, achamos interessante ver Lucy com vida própria. Seus pensamentos são o fio condutor da narrativa. Ela tem movimentos, busca conhecer, entrar no porão. Contudo, Lucy custa a saber o que deseja e talvez mal saiba quem é, além de uma mulher ensinada a dizer sim. Pensa em acabar com tudo desde o começo... mas segue...

Na casa dos pais de Jake, Lucy percebe-se enredada por uma triste trama familiar, por projeções que a construíram ali. Transita por diferentes tempos e peças da casa, inclusive o porão, e aos poucos vai descobrindo quem ela não é. Quer ir para casa, tem algo importante a fazer e está preocupada com a nevasca. Jake repete: "eu tenho correntes!". As correntes que possibilitam atravessar a nevasca, que dão segurança, aprisionam na fazenda, na família, na escola, na versão conhecida de si mesmo. Lucy parece sugada para aquele mundo. Enquanto isso, seu telefone recebe diversas chamadas e recados, alguns dela mesma. Chamadas de um outro mundo, para fora dali. A situação fica muito tensa, e ela parece presa dentro daquela casa.

Porém, Lucy não está presa a nada daquilo. Nem mesmo é sua história. Ela foi apenas um vento que passou por lá. O vento do tempo... o único que sobra depois que todos se vão. Ela cruza inclusive a chamada quarta parede, olhando diretamente para nós. Lucy entra e sai de si mesma. Enreda-se, quase congela, mas, por fim, consegue se movimentar e entrar na escola onde Jake passou sua vida. Ali é o cenário onde ocorrerá o final apoteótico. Sim, algo neles era bom e belo, os dois poderiam bailar em união. Entretanto, Lucy azul e Jake zelador agora sabem quem são, compreendem o que não puderam ser e, no momento mais terno entre eles, se abraçam em triste despedida. O bailarino e o zelador, ambos aspectos verdadeiros, são incompatíveis e entram em embate. Jake zelador mata o bailarino. Neste momento, Lucy vira as



costas e vai embora. Desaparece. Parece ter optado pelo mundo de fora dali.

Jake zelador, após um dia de trabalho, tenta ir embora da escola, mas "voltar pra casa é terrível" – conforme o poema "Bonedog", citado por Lucy. Sentir o vazio é insuportável. O zelador é acalmado pelo gentil porco infestado de larvas e conduzido para dentro da segurança da escola e de seu uniforme. Nós somos então conduzidos a um cenário novo: uma plateia em que todos os personagens assistem Jake recebendo uma premiação. Ele está ciente do seu aprisionamento, aceita tudo e rompe a repetição em prol de ligações verdadeiras de amor. Outro devaneio? Jake devaneia que rompe com seus devaneios, gerando uma sensação de espiral claustrofóbica. Morrer não é a única forma de acabar com a vida.

A cena final é o amanhecer na escola: a nevasca passou... há paz... pássaros cantando... e um carro soterrado na neve. O vento Lucy passou. Jake acabou com tudo?



DÉBORA SCHAF Psiquiatra (HCPA), Psicoterapeuta (Celg), Membro aspirante da SPPA



FÁBIO BISOL BRUM Psicólogo clínico, Sócio efetivo do IEPP, Membro aspirante da SPPA



ENFIM, TERAPEUTA!

Psiquiatria? Sério? Quando decidi fazer psiquiatria e trabalhar com psicoterapia, recebi críticas das mais diversas pessoas. Às vezes, eu própria me criticava. Por que, afinal, escolher uma área tão pouco objetiva e difícil? Conseguiria me colocar no mercado de trabalho?

Questionava a minha capacidade de encontrar identidade como terapeuta. Tinha dúvidas sobre como me imbuiria desse papel e me autorizaria a trabalhar, achando extremamente difícil ter o dom e dominar a técnica de aliviar o sofrimento das pessoas. Digo dom e técnica porque realmente acredito que, para sermos bons terapeutas, precisamos dos dois.

Thomas Ogden, um psicanalista importante dos dias atuais, escreveu um texto brilhante chamado "Do que eu não abriria mão", no qual fala sobre algo que, penso eu, aqui estou chamando de dom. Para Ogden, um terapeuta precisa ter certos traços, características sem as quais o tratamento emocional torna-se difícil ou mesmo impossível. Ressalta que precisamos priorizar a verdade e a autenticidade do paciente, sabendo aguentar estados de não compreensão e tendo paciência para acompanhar a trajetória do paciente nessa busca, sem saltar para conclusões baseadas nas nossas próprias experiências ou no que conhecemos. Saber esperar e saber ouvir. Parece simples, mas não é. Esse é um texto daqueles que tenho vontade de fazer um quadrinho e pendurar na parede na altura dos meus olhos para nunca esquecer.

Outro texto muito marcante ao longo desses meus anos de terapeuta foi o discurso proferido pelo querido professor Eizirik no dia da minha formatura em psiquiatria no HCPA. Gostaria de tê-lo igualmente em um quadrinho, mas me sinto privilegiada e me contento com tê-lo na memória, pois, com frequência, ele me acompanha nas sessões. O professor Eizirik foi homenageado pela minha turma e discursou lindamente sobre a nossa profissão, mencionou a música "O Bêbado e o Equilibrista" e nos desejou sorte e esperança para, dali em diante, andar na corda bamba de sombrinha. Sábio, antecipava que precisaríamos.

Ser psicoterapeuta é realmente uma tarefa complexa. Eu mesma passei por diversos terapeutas ao longo da vida e, olhando para trás, vejo o quanto tiveram paciência comigo e vejo também que me senti mais ajudada no lugar onde fui muito ouvida, pouco julgada e interpretada com cuidado. Interpretações erradas serão toleradas pelos pacientes, ensinou-me outro pitoresco professor do curso do CELG nas várias noites em que tínhamos aula na sua casa, no sofá, com generosos baldes de pipoca. Os pacientes saberão apontar quando errarmos e nos darão o caminho, dizia ele, reiteradamente, quase como se fosse um mantra. Porém, advertia: não tolerarão que não validemos as suas percepções.

Foi assim que aprendi que, se eu errar e tiver dificuldade de me corrigir ou se ficar presa em teorias, estarei me afastando da verdade do paciente. A falta de conexão será percebida, mesmo que de forma inconsciente, e daremos um passo para trás no processo psicoterapêutico. Para isso ocorrer, parece-me óbvio que a pessoa real do terapeuta é de extrema importância. Nossa bagagem pessoal, nossas vivências, nossos próprios sentimentos, qualidades e defeitos interferem nessa capacidade de escuta do paciente, motivo pelo qual, por isso mesmo, chamo de dom. Acredito ser algo intuitivo, instintivo e que ocorre de uma forma natural. Tão importante quanto, a técnica vem a seguir como uma maneira de normatizar, organizar e tornar mais possível o acesso ao inconsciente nesse processo tão difícil que mais parece uma arte.

Então, 10 anos depois, sigo buscando me sentir terapeuta, assim como continuo tentando polir o meu dom e aprendendo mais da técnica com professores, supervisores, livros e textos, que me encantam e inspiram. Acima de tudo, e o mais importante, é que sigo sempre ouvindo e aprendendo com os meus pacientes, deixando que me guiem por seus caminhos singulares. A eles, agradeço por confiarem em mim e me deixarem fazer parte das suas vidas, além de me ensinarem tanto.

Hoje sei que não poderia ter feito melhor escolha.



CLAUDIA FAM CARVALHO
Médica Psiquiatra (HCPA)
Especialista em Psicoterapia de
Orientação Analítica (CEPOA-CELG)
Mestre pelo Programa de Ciências
Médicas da UFRGS
Doutoranda do Programa de Pósgraduação em Psiquiatria e Ciências do

Comportamento da UFRGS